

Pensar naquilo que não se vê

Esseano - Brasil

J.O. DE MEIRA PENNA

JORNAL DA TARDE

A inteligência do animal visa, instintivamente, satisfazer-lhe o interesse egoísta imediato, protegendo sua propriedade, que significa trabalho acumulado e concretizado, e a reprodução do patrimônio genético. A inteligência é o recurso do indivíduo na luta darwiniana pela vida. Mas possuindo a razão como instrumento inato, pode o homem utilizá-la de dois modos contraditórios: 1) para fins imediatistas e oportunistas, o que chamariamos *razão curta*; 2) para objetivos a longo prazo — *razão longa*. O uso de uma ou outra forma de razão depende do grau de inteligência e disciplina mental — ou, em outras palavras, da capacidade de memória, antecipação ou previsão, com relacionamento de causa e efeito. A criança, emergindo da animalidade, ainda não possui o poder de coibir o desejo, a satisfação do prazer ou o receio de dor ou desprazer, pela consideração do maior lucro ou proveito futuro. Ela receia, por exemplo, uma injeção porque ainda não percebe que, à custa de uma dorzinha momentânea, obterá, benefício futuro para a saúde. É o adulto que revela uma *razão prática* ao calcular o benefício, a longo prazo, da poupança, do pequeno sacrifício ou incômodo imediatos. Kant poderia ter feito uma *Crítica da Razão Curta*, para definir essa *dimensão temporal* da atividade racional: Na convivência social, os interesses individuais assim se conciliam a longo prazo. Cabe uma *Crítica da Razão Curta* em populações como a brasileira que, muito sensíveis aos interesses restritos

e imediatos da família, amizade, clientela ou corporação de ofício, demonstram dificuldade em criar uma ética cívica sustentada no interesse coletivo a longo prazo, ou seja, no Bem Comum.

O próprio termo economia, no sentido de poupança ou “administração doméstica” (*oikos + nomos*), indica que toda atividade econômica proveitosa resulta de um *cálculo inteligente do proveito futuro*, com a coibição do desejo instintivo de posse, consumo ou prazer imediato. A análise da atividade racional faz parte integrante da ciência econômica, constatação que

TANTO EM TERMOS ECONÔMICOS COMO
PURAMENTE ÉTICOS, É PRECISO QUE SE
PENSE SEMPRE NAS CONSEQUÊNCIAS A
LONGO PRAZO DE NOSSAS AÇÕES.

26 FEV 1996

foi prejudicada pelo preconceito socialista de ser o capitalismo “irracional”. Ao contrário da tese marxista, o sistema de mercado, como provaram Mises e Hayek, é o único que pressupõe a racionalidade do comportamento humano a longo prazo, de modo a permitir que os “vícios privados” de Mandeville se transformem em “virtudes públicas”. Adam Smith foi o primeiro a percebê-lo.

Em princípios do século passado, porém, o economista francês Frédéric Bastiat (1801—1850) escreveu uma série de pequenos ensaios que se distinguem pela lucidez e fino espírito de crítica humorística. Um desses ensaios têm como título: “*O que se vê e o que não se vê*.” “Na esfera econômica”, as-

severa Bastiat, “um ato, um hábito, uma instituição, uma lei não geram somente um efeito, mas uma série de efeitos. Dentre esses, só o primeiro é imediato. Manifesta-se simultaneamente com sua causa. *É visível*. Os outros só aparecem depois e *não são visíveis*. Podemos dar por felizes se conseguirmos *prevê-los*. Entre um bom e um mau economista existe uma diferença: um se detém no efeito *que se vê*; o outro leva em conta tanto o efeito *que se vê* quanto aqueles que devem ser *previstos*”. Bastiat explica que a diferença é enorme pois quase sem-

pre ocorre que quando são favoráveis as consequências imediatas, as posteriores são funestas, e vice-versa. O ensaio inteiro é preenchido com exemplos de decisões econômicas que, à primeira vista, parecem proveitosas e resolvem problemas a curto prazo, acarretando no entanto, a longo prazo, consequências desagradáveis. É possível que, ao se referir aos efeitos *que não se vêem*, estivesse Bastiat pensando na *Mão Invisível* de Smith que regula o mercado e lhe proporciona uma ordem espontânea.

Na história econômica do Brasil tivemos inúmeros exemplos de políticas de curto prazo — oriundas de uma razão curta que mira apenas *aquilo que se vê* — com resultados nefastos

posteriores, de difícil solução. É verdade que John Maynard Keynes se tornou conhecido por uma de suas piadas: “*on the long run we are all dead*” — “a longo prazo estamos todos mortos”. Queria dizer que a gente se deve dedicar à solução dos problemas imediatos, abandonando aqueles que, só produzindo efeitos posteriores à nossa própria morte, não interessam. Keynes alcançou notoriedade como o economista que teria “salvo o capitalismo” por sugerir o recurso à emissão de moeda em orçamentos deficitários, para combater recessões e depressões que criam desemprego e são socialmente perigosas. Com isso, estimulou uma mentalidade que teve como consequência o crescimento monstruoso do Estado e o fenômeno de estagflação, atrasando gravemente o desenvolvimento das economias do Terceiro Mundo. Esta é responsável pela nossa “década perdida” e pelo destempero econômico e estatal que ainda tão gravemente nos afeta. Pois a boa conduta da vida, em termos econômicos como em termos puramente éticos, exige que se pense sempre nas consequências a longo prazo de nossas ações. Ou, como diria Bastiat, que se considere “aquilo que não se vê” como peça fundamental de todo problema.

O AUTOR

J.O. de Meira Penna
é embaixador, escritor,
e presidente do
Instituto Liberal
de Brasília

